



REDE JUVENIL - 3º ENSINO DO MÊS DE MAIO – 2026

A PRÁTICA DA PRESENÇA DE DEUS (II)

Salve Maria Imaculada!

Continuando nossa série de reflexões sobre o plano de vida e a prática da presença de Deus, hoje concluiremos nossas considerações sobre esse tema tão fundamental. Para resumir, podemos dizer: a prática da presença de Deus é o exercício contínuo de recordar, com fé e amor, que Deus está presente, vendo-nos, sustentando-nos e habitando em nossa alma, de modo que vivamos em constante união com Ele.

É muito significativo recordar aquilo que o Papa Leão XIV disse ao retornar do Líbano, no dia 2 de dezembro do ano passado, durante uma conversa no avião:

“Um de vocês, um jornalista alemão, me disse outro dia: ‘Diga um livro, além de Santo Agostinho, que nós poderíamos ler para entender quem é Prevost.’ E há vários em que pensei, mas um deles é um livro chamado ‘A prática da presença de Deus’. É um livro muito simples, de alguém que nem assina o sobrenome, o Irmão Lawrence, escrito muitos anos atrás. Mas ele descreve, por assim dizer, um tipo de oração e espiritualidade em que a pessoa simplesmente entrega sua vida ao Senhor e permite que o Senhor conduza. Se você quer saber algo sobre mim, essa tem sido minha espiritualidade por muitos anos. No meio de grandes desafios, vivendo no Peru durante os anos de terrorismo, sendo chamado a servir em lugares onde nunca pensei que seria chamado a servir. Eu confio em Deus, e essa mensagem é algo que eu compartilho com todas as pessoas.”

É realmente surpreendente esse testemunho do Papa! Que bela meditação e que profunda consciência do que sejam a oração, Deus e o nosso relacionamento com Ele! Não propomos essa prática simplesmente porque o Papa a aprecia ou a vive; no entanto, o fato de ele ser um fiel praticante desse modo de rezar é um excelente sinal. O centro da questão é este: Deus quer viver conosco. Quer estar conosco como um amigo mais íntimo do que nós mesmos; quer amar-nos e permanecer ao nosso lado. Ele vem ao nosso encontro antes mesmo que nos demos conta disso. Esse Deus, que é onipotência, sabedoria e amor, nos espera. E o que fazemos na oração é viver esse amor, recebê-lo e procurar oferecê-lo de volta a Deus e aos outros. A vida de oração é precisamente essa beleza, esse intercâmbio de amor. Mas, para isso, é preciso estar presente. É necessário amar o Senhor com palavras, com olhares, com sentimentos, com pensamentos.

O Senhor está no Sacrário! O Senhor está em nossa alma quando estamos na graça! O Senhor nos convida a orar sem cessar (1 Ts 5, 17)! O Senhor nos espera! Diz São Josemaria: “Quando te aproximares do Sacrário, pensa que Ele!... faz vinte séculos que te espera.”. Ou melhor hoje “faz vinte e um séculos que te espera”. Com isso, não há muito mais a dizer, mas sim a fazer. Proponho-te iniciar, ou continuar, esse caminho de fé por meio dessa prática. Se ainda não sabemos fazê-la bem, não há problema; afinal, todos somos muito incapazes quando se trata de oração. O importante é começar. O essencial já sabemos; o restante se aprende ao longo do caminho. Começa a lembrar-te de Deus cada vez mais e a colocar o teu coração diante d’Ele.

Deixo aqui um belo texto que, embora não seja a única forma de realizar esse exercício (há muitas outras, e também podemos fazê-lo espontaneamente), pode ajudar-nos antes de um momento de oração: “Meu Senhor e Meu Deus, creio firmemente que estás aqui, que me vês, que me ouves. Adoro-Te com profunda reverência. Peço-Te perdão dos meus pecados e graça para fazer com fruto este tempo de oração. Minha Mãe Imaculada, São José, meu pai e senhor, meu Anjo da Guarda, intercedei por mim.”

Ao fim, leiamos juntos um belo testemunho do Papa Bento XVI, escrito poucos meses antes de sua morte, quando tinha 95 anos, que nos mostra um dos mais belos frutos desse contato íntimo de amizade e amor com o Senhor:

“Muito em breve, encontrar-me-ei diante do Juiz definitivo da minha vida. Ainda que, ao olhar para trás, para a minha longa existência, eu possa ter grandes motivos de temor e tremor, permaneço, contudo, cheio de confiança, pois confio firmemente que o Senhor não é apenas o justo Juiz, mas também o amigo e irmão que Ele próprio já sofreu por minhas faltas e, por isso mesmo, é também meu advogado, meu “Paráclito”. À luz da hora do juízo, a graça de ser cristão torna-se para mim ainda mais clara. Ela me concede conhecimento e, mais ainda, amizade com o Juiz da minha vida, e assim me permite atravessar com confiança a porta escura da morte. A este respeito, recordo-me continuamente do que João nos diz no início do Apocalipse: ele vê o Filho do Homem em toda a sua grandeza e cai a seus pés como morto. Mas Ele, colocando sobre ele a sua mão direita, diz-lhe: “Não tenhas medo! Sou eu...” (cf. Ap 1,12-17).”

Caros irmãos, quem de nós terá a tranquilidade de encontrar um Amigo no dia do juízo? Quem de nós será verdadeiramente íntimo do Mestre quando todas as luzes se apagarem? Quem receberá o toque do Senhor e ouvirá: “Não temas, sou Eu?”

Que Deus nos abençoe.

Escrito por: Paulo Victor Amorim Rodrigues – Membro temporário da Comunidade Católica Boa Nova e seminarista da Arquidiocese de Campo Grande.

Para partilhar: Enxergo a vida de oração como um real encontro com Deus? Tenho conseguido ser íntimo de Deus?